

CONTO

Cecília

Toni Elifran

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

tonielifran004@gmail.com

Ela esperava-me na porta de sua casa, abrindo-a devagar para que assim eu pudesse entrar. Seus olhos estavam vermelhos, como da última vez. As pupilas marcavam-se ainda mais, destacando seu leve estrabismo. Consolei usando um sorriso, falei que estaria ao seu lado a partir de agora. Mas, confesso, estava com medo, não sabia o que fazer para ajudar a acalmá-la.

Lembrei do dia em que nos conhecemos. Marcamos de nos encontrar na praia. Ela estava ansiosa, eu tinha frio na barriga. O mar estava calmo, era fim de tarde. Cecília pediu que eu sentasse ao seu lado. Senti que algo não estava bem, perguntei o que acontecera. Com o tempo, descobri que seria recorrente. Sua ardência é enraizada, transborda na alma. Nos abraçamos.

Entrei em seu quarto, logo após ela. Novamente nos abraçamos, igual à primeira vez. Sua boca tremia e estava pronta para falar a palavra proibida.

— Não precisa, Cecília. Não peça desculpas, por favor.

— E-eu preciso! — Segurei suas mãos, beijei as pontas dos dedos.

— Por favor, vamos ser fortes. Vamos focar em outra coisa, tá bem?

Me apertou. Estava tremendo. Repetiu algumas vezes que precisava, eu disse que não. Era difícil, tinha que ceder. Estava gélida, passara a noite acordada, sempre chorava quando lembrava dele, sentia-se culpada por lembrar. Na quarta vez que pediu, deixei.

— Me desculpa, p-por favor! Não foi porque eu quis! Por favor!

As lágrimas inundaram seu rosto e ela novamente começou a pedir para que eu a deixasse, pois não aguentava tanto sofrimento. Amar é sofrer. Comecei a chorar também. Sua dor é seu norte.

— Ceci... não aguento te ver assim, por favor... não há motivos para que eu te perdoe, entende? Não há motivos... Mas, se isso vai te fazer sentir melhor... S-sim, meu bem, eu te perdoo... certo? Não te condeno, mas te desculpo por tudo. Igual das outras vezes, lembra? Eu já te perdoei. N-não vou te deixar, meu amor. Estou aqui com você.

— Cedi.

O pranto começou a parar. O crime foi absolvido. Cecília era inocente. Foi declarado, por mim, que estaria livre novamente. Os processos neurais cintilavam, os olhos alinharam-se em minha direção. O soluço parou. Ela riu. Disse que era mesmo bobeira. Ri também. Acalmou-se.

Eu gostaria de dizer que estava cansada, cansada de lhe ver sofrer... mas, não. Não queria magoá-la. Precisava de energia para minha doce Cecília. Desde o começo eu



Esta revista adota o modelo de Acesso Aberto e seu conteúdo está licenciado sob a licença CC BY-NC 4.0

ARK:16081/CRL6610-ZQHC

Recebido

15 de dezembro de 2025

Aprovado

22 de dezembro de 2025

Edição

Lury Morais

Revisão

Lury Morais

sabia que precisaria ser forte. Antes mesmo de iniciar o tratamento, antes da internação. Em alguns momentos deveria deixar-me de lado e dar voz para ela. Ela, minha razão de viver, minha vida, minha Cecília. Dói muito pensar que a pessoa que eu mais amo no mundo — e a que mais me ama também — não está feliz. Choro, lágrimas, fogo, queimadas. Preciso deixá-la ser feliz. Preciso que Cecília fique livre. Deixá-la ser livre, ser feliz, sem mim. Sem culpa. Cada dia que passa eu cobro-me mais, tenho pensado demais. Não tenho mais quem me diga que nós iremos vencer, então eu me questiono sempre, sempre. Tenho medo.

Eu tenho medo, pois, como eu posso querer que ela tenha um futuro comigo, se está infeliz? Se eu nunca falei de nós duas para minha mãe? Se o nós não existe? E como não esperar que ela estivesse triste, se a minha vida é assim? Se eu sou assim? Quero tanto dar um mar de felicidades, mas comigo é impossível. Sou água rasa, e Cecília profunda. Esta, afinal, sou eu: um ser em declínio e em processo... uma coisa-quase-humana. Estou entalada, entalada, entalada. Transbordando. Ela não merece ter de saber o que passa em minha mente. No entanto, reconheço que somente ela me entenderia, é a única que realmente se importa comigo.

Dói manipulá-la. Ter que dizer não, que ela não precisa se desculpar. Ter que falar que ainda não é o momento. Dizer para Cecília que ela não pode desistir. Ter que decidir tudo por nós. Ser a vanguarda diante da batalha que é a sua mente. Diante da batalha que é a minha mente. Mesmo odiando mentir, para mim sempre foi fácil. Consigo viver sendo a maior mentirosa do mundo. Menti sobre muitas coisas: menti sobre o que eu sentia, menti sobre meus valores, menti sobre minhas crenças, sobre mim. Menti e omiti: sobre meus sonhos, sobre meu relacionamento, sobre para onde eu ia, sobre Cecília. Minha vida? Ilusões, roteiros, histórias. A única coisa real, a única coisa verdadeiramente fiel, é que eu a amo. Eu quero poder me amar, assim como Cecília faz.

Mas, na verdade, mereço a morte. Sou um ser que morre, que mata. Sou um ser mortífero. Sou a destruição e sou a própria ausência de vida. Sou equivalente ao nada. Sou inexistente e busco a inexistência. Quero ser embalada em flores de primavera, sou inverno. Não existo. Congelei em meu próprio peito, destruí este peito. Carrego dores que só eu, narcisista, manipuladora, sinto. As artérias, a música, os livros, Cecília. Morte. Morte. Morte.

Enxuguei as suas lágrimas. Precisava ser forte. Meu peito ardia. Lembrei de meu pai, que nunca conheceu Cecília. Que eu nunca contei para ele sobre mim. Lembrei de quando ele deixou minha mãe, nos deixou. Não olhou para trás. Era minha vez.

Já estava a dois dias no novo trabalho, ouvi os burburinhos dos corredores. Disseram que tinha uma moça que também vinha da minha instituição. Mundo pequeno, cidade pequena. Estava a caminho de minha sala, quando a vi.

Cecília.

Tudo voltou, senti de novo. Voltou, voltou, voltou. Lembrei do choro, das lágrimas. Lembrei de seus olhos vermelhos e daquele dia terrível, que decidi, por ela, que seria livre. Me senti suja. Arrepiei por inteira. Sou um pouco e quase totalmente nada. Senti o sangue escorrendo de minhas mãos e consegui ver o seu corpo embalado. Era terrível, eu era a assassina. Cecília. Ela me olhou de volta e nossos olhos se fitaram por uma eternidade inteira, era cruel. Era completamente cruel. Queria que seus olhos soltassem um raio laser em minha direção, mas, não. Eles brilharam e vi nascer um pouco de água.

Consegui imaginar a palavra que ela pensava. Não, não, não. Eu sou a destruidora. Consigo imaginar minhas palavras. Minhas pernas bambearam e comecei a ficar tonta... Era verdade, ela existia. O nós piscou para o mundo.

Naquele momento, nove meses depois, estávamos lá, uma de frente para a outra. O relógio não fazia nem tique e nem taque. Nem taque e nem tique. O tempo parou e meu coração não parava por nada. Tum-tum-tum. Tum-tum-tum. Como você se atreve? Como pode ter se atrevido a matá-la? A destruir todos os símbolos, a desdesignificar tudo que fez com ela. Sou mesmo destruidora? Sou mesmo o oceano que a afundou? Calúnia, eu não! Ela me destruiu. Me destruiu e matou-me completamente. Eu não existo, desapareci. Sou defunta esfaqueada por ela. Morta e estrangulada. Inexistente. Mereço mesmo e mereci todas estas facadas? Não desonrei o seu nome. Mereço mesmo e sou tão terrível? Sou. Sou o apocalipse.

O sangue que escorria de minhas mãos voltou-se contra mim e adentraram minha alma. Sou monstruosa. Sou um monstro e estava em metamorfose. Os olhos de Cecília tremiam e meus olhos estavam prestes a saltar. Eu estava prestes a saltar. Queria dizer para ela que ainda noto, em mim e nos outros, seus ecos, suas falas, seus timbres. Sua carta. Os últimos tempos mostraram para mim como devo estar atenta e alinhada com o que eu quero, mas, aliás, o que eu quero? O que eu sou? Quem sou eu? Quem eu quero ser? Não sei, estou aprendendo. Erro, erreí muito, inclusive. Mas estou tentando aprender. Espero conseguir.

Cecília, me ajuda, por favor, não vá embora. Não! Não posso, não posso, não posso. Ela precisa ir embora, ela precisa ser feliz. Não posso mais ouvir o meu nome sair de sua boca. Meus lábios a ausentam, eles são censurados quando penso em falar sobre ela.

Eu queria tanto poder sentir que ela ainda lembra-se de mim. Mas, não! Eu não existo mais para ela. A verdade que eu digo: deixei de ser, morri. Se morri para Cecília, morri para mim mesma. As dores me perfuram, a inexistência me persegue. Não consigo mais ser livre. A quero, a quero, a quero. Esta é a verdade, eu não vivo mais sem Cecília. Mas, não posso, jamais, deixar que ela volte. Cecília voltar será suicídio para si mesma. Ela morre, não terá mais vida. Sua carta deixou isso bem claro.

Seus gritos não me envolvem mais. E eu não grito, nunca gritei. Sinto falta de sentir. Sinto falta de saber que eu ainda poderia estar com ela, que Cecília poderia me amar. No entanto, eu fui embora. Mas, percebo, na verdade, que eu fiquei para trás, ela não se lembra mais. Eu sou louca, louca. Penso em Cecília assim como uma xícara pensa no pires. O pires, no entanto, tornou-se prato, achou talheres, viveu melhor. O pires conseguiu ser próprio, ser si mesmo. Não, eu não sou pires, sou xícara. Sou xícara e transbordo, sempre acabo me derramando. Não tenho mais pires algum para me segurar, as águas deságuam, me quebram. Sou uma xícara que acabou trincando-se porque guardou quentura demais.

Seja feliz, seja. Os cristais que a cercam eram uma admiração para mim, minhas águas que a deixavam ruim, Cecília estava trincando, eu a estava trincando. Não, não, não, não, não, não posso. Eu quero poder ser livre. Eu quero poder ser xícara sozinha, sem pires. Eu quero poder ser um pouco de mim mesma. Eu quero poder ser um pouco de vida ao redor das águas quentes da vida. Eu quero poder... eu quero... eu...

Não... não sou mais assim. Não sou mais um pouco, eu estou me perdendo completamente e eu quero poder ser um pouco feliz e quero ser um pouco de mim. Não, eu não sou assim.

O sinal tocou.

Pisquei.

Olhava para Cecília e ela ainda olhava para mim. As crianças começaram a correr para a sala e chamavam tanto a mim quanto a ela. Era cruel. Meus lábios tremiam e eu via que os olhos dela iam desaguar. Lembrei do dia que nos vimos pela primeira vez. Hoje faz dois anos que nos conhecemos. Desconhecidas.

E desde então eu nunca soube o que era tristeza. Nunca mais senti destroços. Agora, daqui a cinco dias, fará dez meses que a libertei e, agora, vejo um pouco da verdade. De fato, nunca mais senti tristezas, nunca mais senti nada, deixei de existir. A única coisa que existia eram minhas desculpas, meus erros, suas cobranças. O fato de não ser suficiente e a clareza de ser um monstro. Agora, eu aceito, eu sou um monstro, sou o apocalipse. Sou o fim dos tempos.

Lembrei de sua carta, que eu nunca respondi. Eu sou o fim do túnel. Quando me mandou uma carta, perguntou porque eu nunca fui atrás, porque eu sumi. Eu sou a sombra da noite. Perguntou porque eu não olhei para trás. No entanto, ela desapareceu para mim, sumiu de minha vida. Parou de frequentar os espaços e não me seguia mais nas redes. Eu a matei? Sou carcaça de carne e ossos. Perguntou porque não me virei quando fui embora. Mas, eu lembro, quando olhei para trás, ela não olhava para frente. Nunca fui em busca, jamais a perturbei, e, quando ela veio, trouxe mais cobranças. Não quero ser cobrada.

Eu sou um monstro. Sou a sombra da vida e sou pura morte. Explodi.

Explodi.

Caminhei em sua direção e passei ao seu lado. Ela não virou-se para mim. Eu não virei-me para ela. O tempo, mais uma vez, paralisou-se. Queria poder virar-me, olhar para ela, falar algo. Queria poder sentir que ainda me enxerga. Não, não, não posso. Retornei para a verdade, lembrei dos ovos que eu tanto precisava pisar. Não é sobre mim, é sobre Cecília. Tudo é e tudo sempre será sobre ela. Para protegê-la, tenho que fazer. Tenho que deixá-la ser livre, ser feliz. Respirei fundo, olhei para frente. Preciso ser forte. Me virei. Abri a porta, as crianças entraram. Ela abriu sua porta e as crianças entraram.

Nos viramos. Nos vimos

Lágrimas.

Cachoeiras inteiras saíram de nossos olhos e marcaram completamente tudo. Pisquei rapidamente, respirei fundo. Ela fez o mesmo. Puxou o ar, limpou seus olhos. Forte Cecília. Entrou para a sala. Sumiu. Morreu mais uma vez. Fiquei estagnada ao lado da porta e pensando nela. Um sonho. Irreal, irreal. Terça-feira. Preciso de calma. Preciso respirar e decidir o que é o correto para mim. Não posso deixar que Cecília seja infeliz.

No meio de nosso relacionamento, terminamos uma vez, pelo mesmo motivo. Eu precisava que ela fosse feliz. Meu sonho, sua liberdade. Cecília, Cecília. Queria que meu amor fosse livre, fosse ela. Queria que não houvesse desculpas, que ela pudesse sentir por si mesma. Meu amor, meu amor... Amor. Será que ainda há amor para o mundo? Será que a verdade que busco será conquistada?

Cecília não está mais comigo, a abandonei. Esta é a verdade, a abandonei. Assim como ele fez, eu também fiz. Deixei minha vida, abandonei minha verdadeira felicidade. Não sou nem x nem y, tampouco algo como xy ou w, sou a ausência. Sou a não existência e

sou o cataclismo de tudo. Destruí minha mulher, ela não está mais aqui.

Cecília é outra. Virou outra. Terminou seus cursos, concluiu seus destinos, mudou suas rotas, alterou os horários. Cecília é outro ser. Ela não é mais aquela que conheci. Cecília agora se conhece? Eu não a conheço. Desconhecidas. Abandonei-a. Larguei minha vida porque não sei lidar com nada, sou um desastre. O que eu posso fazer? Como posso consertar isso e salvar meus pilares destruídos? Não sei, não sei... na verdade, não é que eu não saiba, não há. Não há como voltar atrás. Devo lidar com as consequências. Devo lidar com o que fiz.

Limpei meu rosto.

Entrei para a sala e tive um ímpeto.

Eu sou uma estrela e serei para sempre minha própria desgraça.

Estrelas nunca morrem.

Tôni Elifran

Graduando em Letras –
Língua Portuguesa na
Universidade do Estado do
Rio Grande do Norte
(UERN), com atuação em
literatura, leitura e escrita.
Integrante do Coletivo
Escritas do Mar, possui
poemas e contos publicados.
Currículo

Lattes:
<http://lattes.cnpq.br/4734071452901267>.